



CORPO FEMININO E SUBJETIVIDADE: ENTRE O PECADO DO GOZO E O REGOZIJOS DO DIVINO

Helton de Farias Henrique

Universidade Estadual da Paraíba; helton.farias@hotmail.com

Carolinne Taveira de Melo

Universidade Estadual da Paraíba; carolinnnetaveira@hotmail.com

Roberta Tiburcio Barbosa

Universidade Estadual da Paraíba; robertatiburcio02@hotmail.com

RESUMO: Os grupos minoritários estão se fazendo voz na literatura contemporânea brasileira e mundial, entre os tradicionalmente marginalizados encontra-se a mulher subalternizada corporal e institucionalmente pela sociedade patriarcal sexista. Janaína Azevedo é uma das escritoras que busca desconstruir estereótipos legados à mulher, sejam com relação à conduta ou à sua inserção social. No conto “Dá-me tua mão, ó virgem” a autora rompe com os ideais masculinos/heteronormativos que constroem a imagem do corpo e da conduta feminina. A sexualidade, que se tornou motivo de reprovação e repressão ao público feminino, é apresentada no conto de maneira natural e, principalmente, subversiva, uma vez que, entre outras coisas, sugere uma relação sexual entre uma adolescente e a emblemática, e simbólica, Virgem Maria, figura tradicionalmente aclamada pelos cristãos. A união entre o profano e o sagrado, o gozo e o êxtase, é tema frequente na Literatura e nas demais artes, mas o que chama atenção no texto azevediano é forma com que é narrada e percebida pelas personagens a profunda ligação entre os campos divino e corporal. Nesse sentido, objetivamos investigar como se processa a subversão religiosa/patriarcal e o erotismo no conto “Dá-me tua mão ó virgem” e de que forma esse fato se relaciona com a constituição da subjetividade feminina.

Palavras-chave: Religiosidade, literatura, mulher, sexualidade, identidade.



INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de analisar o conto “Dá-me tua mão, ó virgem”, de Janaína Azevedo, presente em seu livro de estreia, “Marias”. O estudo tem como embasamento teórico discussões acerca da repressão sexual acometida por uma questão religiosa, conseqüentemente, social e histórica, bem como a presença de discussões referentes à escrita feminina no campo literário homoerótico brasileiro.

O conto é narrado em primeira pessoa, a personagem Fátima. Adolescente que sente a presença de uma mão que lhe arranca desejos, que lhe afasta do sagrado ou do que pode ser considerado como algo sagrado. A mão, então, representa a lascividade.

Durante todo o conto, é nítida a presença da dicotomia sagrado e profano. O corpo como templo do pecado. E é por meio de recursos externos, como a ida à igreja, que se busca amenizar o pecado que esse corpo carrega.

Dessa forma, analisamos a noção de repressão sexual, ocasionando uma visão de sexo velado, dito como subversivo, que não se deve praticar, uma vez que feriria a dignidade Divina.

Introduzimos, também, a literatura homoerótica feminina e como a atuação dessa

literatura é vista dentro do cenário de crítica brasileiro.

Metodologia: entre o sagrado e o profano, a escrita e a sexualidade feminina

Marilena Chauí propõe uma discussão acerca da ideia vigente entre o sagrado e o profano; o sexo como algo pecaminoso. Sendo assim, a autora realiza uma indagação: “se Deus fez os homens sexuados, se o prazer sexual existe no Paraíso como uma de suas delícias (talvez a maior), como entender a condenação do sexo pelo cristianismo?” (CHAUÍ, 1984, p. 86).

A seguinte indagação é respondida pela mesma, ao realizar uma breve explanação acerca da origem da formação do planeta, segundo uma perspectiva religiosa cristã, uma vez que se propõe questionar e informar o motivo do sexo ser visto e considerado como algo pecaminoso, para ressaltar a vontade de Deus diante do seu projeto, que foi a produção da Terra.

Partindo do pressuposto que a profanação está ligada aos pecados capitais, Chauí responde à sua indagação, informando que os pecados capitais possuem duas facetas.

O pecado original possui duas faces: é o deixar-se seduzir (tentação) pela promessa de bens



maiores do que os possuídos (como se houvesse alguém mais potente do que Deus para distribuí-los) e é transgressão de um interdito concorrente ao conhecimento do bem e do mal. Seu primeiro efeito: a descoberta da nudez e o sentimento da vergonha, de um lado, e o medo do castigo, de outro. Seu segundo efeito: a perda do Paraíso. (CHAUÍ, 1984, p. 86).

A perda do Paraíso significaria a perda de estar perto de Deus, estaria-se então, distante do Supremo e segundo a autora, estar-se distante de Deus, é uma *queda*.

Sabemos que tais conceitos foram e são impostos pelo regime católico-romano a fim de institucionalizar e comandar um ideal modelo de vida; heterossexual, cristão, pai de família, com uma esposa subjugada e os filhos, também heterossexuais e cristãos.

O sexo estaria fora de cogitação, se o seu fim não fosse unicamente para a procriação, para a reprodução da espécie humana, fora deste contexto, o sexo é dito como sujo, pecaminoso, uma vez que está arraigado aos Sete pecados capitais, e assim sendo, estaria-se cometendo um ato contra a vontade de Deus.

Separa-se de Deus é descobrir os efeitos de

não possuir atributos divinos: eternidade, infinitude, incorporeidade, auto-suficiência e plenitude. Ora, pelo sexo, os humanos não somente reafirmam sem cessar que são corpóreos e carentes, mas também não cessam de reproduzir seres finitos. O sexo é o mal porque é a perpetuação da finitude. (CHAUÍ, 1984, p. 87).

Ou seja, o sexo é a origem da perpetuação de seres pecadores, muito embora haja a ideia de que as crianças estariam livres do pecado.

A mulher, subjugada, deveria ser a imagem e semelhança da mãe de Jesus, Maria Santíssima, ou Virgem Maria, muito embora já carregasse dentro de si, a origem de todo pecado, segundo a história da religião cristã, uma vez que foi Eva - mulher criada por Deus, para fazer companhia a Adão e para disseminar a raça humana na terra – quem cometeu o pecado, contrariando as ordens de Deus, quando comeu da fruta proibida.

Diante disto, propomos uma discussão referente ao objeto estudado. Parte-se do conceito de que a profanação é tudo aquilo que está distante de Deus, ou aquilo que está perto do não-sagrado.

Até meados da metade do século XX a literatura feminina era questionada e ridicularizada no meio literário, pois era declarado que os pensamentos femininos não



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

eram do mesmo nível intelectual dos homens, mulheres deveriam apenas fazer tarefas domésticas, ou tarefas que as fizesse permanecer elas dentro de casa. O máximo que era permitido que mulheres escrevessem nessa época era anotações nos seus diários pessoais e poemas extremamente sentimentais ou sobre o ambiente ao qual lhes pertencia, a casa. Se mulheres dessa época por algum motivo falassem de outros temas, principalmente se fosse algo relacionado a sexo, elas eram tomadas como mulheres de má conduta, vulgares erradas e tantos outros adjetivos e formas de expressar repulsa por haver mulheres se colocando como seres pensantes acerca dos mais variados assuntos que afetavam a sociedade. Não lhes era permitido expor pensamentos críticos.

Nos dias atuais vemos esses discursos sendo reproduzidos nos mais variáveis níveis, mulheres ainda são desvalorizadas e tratadas como vulgares ao tratar de atos sexuais nas suas escritas. Podendo ter sua obra desvalorizada e acabando por não ter o reconhecimento que merecia.

A Academia Brasileira de Letras ignorava a escrita feminina, não permitindo a entrada de mulheres, se mantendo um ambiente criado por homens para homens, apenas em 1977¹ a escritora Raquel de

¹ Informação disponível em:
<http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/OLa>

Queiroz conseguiu o seu lugar na Academia. Até então a instituição seguia excluindo, desvalorizando e ignorando os trabalhos de autorias femininas.

A literatura de autoria feminina sempre carregou essa desvalorização, para fortalecer o trabalho feminino e tentar mudar essa situação, em março de 2015 brasileiras trouxeram o movimento #ReadWomem2014 criado pela escritora Joanna Walsh², no Brasil o movimento ficou conhecido como #LeiaMulheres³, a campanha foi de total sucesso sendo bem recebida por aqueles que tinham “sede” de livros escritos por mulheres circulando no mercado nacional e também serviu como uma introdução para aqueles que não conheciam trabalhos de autoria feminina mais possuíam o desejo de conhecer.

Tanto como personagens quanto como escritoras as mulheres sempre foram silenciadas em todas as suas ações, ocorrendo uma predominância do masculino, como diz FOCAULT (1997), o discurso da sexualidade perpassa por uma relação de poder e de domesticação do corpo, através do corpo e da

r/Primeira_Brasileira_A_Entrar_Para_A_Academia_Brasileira_De_Letras

² Informação disponível em:
<http://revistalingua.com.br/textos/blog-redacao/leia-mulheres-308524-1.asp>

³ Informação disponível em:
<http://www.tudoetodas.com.br/post/leia-mulheres-projeto-incentiva-a-leitura-de-livros-escritos-por-mulheres>



sexualidade, estabelece-se a relação de poder político e de classe.

A mulher sempre foi tida como sexo frágil, como receptáculo para a vida, vista como alguém que não pode tomar suas próprias decisões, precisando ser guiada pelos homens, ou seja, a mulher sempre esteve em estado de dominação, de depreciação e silenciamento.

Assim, não é só a personalidade feminina que é tabu, são também os assuntos que ela aborda cotidianamente em sua escrita, uma vez que esse é um dos meios pelos quais elas manifestam suas ideologias.

Nesse sentido, a mulher que se propor a escrever sobre sexo provavelmente ainda será tida como uma mulher vulgar, pois não é permitido que mulheres demonstrem terem interesses sexuais, não lhes é permitido falar de algo que elas não devem fazer livremente como os homens fazem. Se falar sobre é algo que causa extremo problema para as mulheres, falar sobre uma mulher que além de praticar sexo tem e demonstra ter prazer ao fazer tal ação, tal ato pode ser considerado um total absurdo, pois o prazer até então era apenas do homem a mulher era o instrumento que proporcionava prazer não era concebível que ela sentisse, por ser alguém dominada lhe cabia apenas dar.

Através do empoderamento feminino, escritoras sentiram-se na necessidade de

articulassem para que houvessem um enaltecimento na literatura escrita por mulheres, passaram a escrever sobre os mais diversos temas, sua sexualidade, seu gênero foram alguns desses temas, tais mudanças provocaram novas sensações, ainda provoca, como diz Azevedo (2008, p. 175):

Quando surgiu a literatura de escritura feminina, as mulheres leitoras devem ter se perguntado como ficariam elas tão acostumadas ao olhar masculino em face da literatura e de si mesmas, o que hoje pergunto é como ficamos nós, acostumadas/os com a literatura masculina heterossexual, diante de uma literatura escrita por mulheres, com acentuação de gênero e falando sobre amor não convencional?

Nos acostumamos a ter nossas vidas regidas por homens cisgêneros e heterossexuais ditando regras que seguíamos cegamente, quando tivemos acesso a novas visões sobre temas que antes eram apenas contados por homens que não tem uma mínima vivência acerca do que está escrevendo, tende-se a agir com uma aceitação plena do que está sendo dito.



Quando nos deparamos com algo novo sobre o assunto, com relatos reais ou fictícios mas escrito por pessoas que vivência algo ou o mais próximo daquilo que está sendo tratado, nesse caso toda a construção da mulher socialmente ou emocionalmente, algumas pessoas irão procurar o máximo de material sobre essa nova visão mais próxima, outras irão tentar se manter confortáveis com as antigas informações, pois já se encontram tão familiarizadas com aquela visão que terá medo das mudanças.

Uma das personagens que apareceu de uma forma mais empoderada e menos hipersexualidade com a ascensão da literatura feminina foi a lésbica, se a mulher já era silenciada, a lésbica antes dessa literatura escrita por mulheres era ainda mais, como diz Azevedo (2008, p. 175):

O sujeito lesbiano foge à definição aceita de “feminino”, rompe radicalmente com os padrões de gênero estabelecidos, ao não se definir em função do desejo masculino e do sistema de reprodução biológica e de transmissão de valores econômicos e ideológicos. Por não ser possível categorizá-la dentro desses padrões, a

lésbica termina reduzida ao “não-ser”, ao que não se nomeia (e o que não se nomeia não existe).

A lésbica que sempre foi hipersexualizada pela sociedade patriarcal e machista, será agora retratada como humana, que assim como qualquer outra pessoa também sofre, ama, sangra, faz amor, ri, chora... O que era antes “não-ser” agora se torna protagonista da sua narração, ela agora possui voz. Tais representações irão gerar vários pensamentos sobre o que era antes dito e o que é dito no presente.

Se a experiência erótica feminina, na literatura, é problemática porque invade um espaço masculino, a representação da sexualidade lesbiana é ainda mais problemática, pois rompe com as relações dominantes de gênero, ao excluir a figura do homem e colocar a mulher em uma posição de sujeito atuante, em vez do papel tradicional de objeto do desejo masculino. (AZEVEDO, 2008, p. 175):



Através dessas narrações que se encontram na atual literatura escrita por mulheres, houve um aumento do empoderamento feminino, da transmissão de discursos feministas e ocorreu uma visibilidade extremamente necessária para as mulheres lésbicas, agora elas finalmente podem expor suas vozes, que assim continue.

Resultados e discussão: corpo e identidade em “Dá-me tua mão, ó Virgem”.

O conto de Janaína Azevedo, intitulado “Dá-me tua mão, ó Virgem”, retrata o contexto de uma adolescente, Fátima, que mora com a mãe, que perdera o pai e que tem um irmão ausente, pois este está no seminário.

A narrativa, desenvolvida em primeira pessoa pela personagem principal, desencadeia uma história sobre desejo, receio, pudor; a relação entre o profano, o sexo, e o sagrado, a presença da religião e de ideais religiosos na vida das personagens.

Fátima vê-se atraída por uma mão que a persegue, que lhe incita desejos velados pelo pudor, no entanto, esses desejos são realizados.

Escuto a porta bater e sinto: a mão abre a porta e se aproxima de mim, novamente. Os passos são sempre tão leves. Finjo dormir. A mão macia alisa meu cabelo, minha pele e eu

me mexo. A mão tem medo e foge. A porta volta a bater teimosa, e ainda ouço os passos leves no corredor, depois voam. (AZEVEDO, 1999, p. 12).

Por meio deste trecho, percebe-se o desejo entre ela (Fátima) e a mão e qual a relação entre ambas. A mão, de início, pode ser considerada como um próprio ato de alusão à masturbação, no entanto, durante o conto, percebemos que a mão, na verdade, é a representação da Virgem Maria.

A relação com a sua mãe é velada, acometida de pudor, uma vez que a mãe de Fátima é religiosa; é uma mulher que perdera o marido e que vive dentro da igreja, participa das missas, etc. Assim sendo, contar para a mãe que possuía desejos sexuais por uma mão, que lhe surgia à noite, seria complicado, difícil, por esta razão, Fátima decide não falar seu segredo, já que até mesmo para ela, o desejo que sentia era algo impuro, sujo, subversivo.

Em dado momento inicial, há o seguinte enunciado: “Deus não lhe excitava mais” (idem). Deus, representado como uma figura masculina, não lhe excita, não lhe desperta desejos. Em seguida, reforça a ideia do pecado por meio da mão, ao afirmar que a mão era seu pecado capital (p. 12).

Dessa forma, a mão, sendo seu pecado capital, representa sua subversividade diante



do Supremo. Por que é pecado sentir desejo pela mão? A mão até então não tinha forma, corpo, apenas presença desconhecida. É subversivo porque é sujo e é sujo porque a mão lhe acomete desejos carnisais, vistos pela Igreja Católica, como pecado.

A ideia de que Fátima sente desejos pela Virgem Maria apresenta-se no seguinte trecho: “Olho para o retrato na parede, mamãe e papai, ainda pecadores, ainda felizes. Depois miro o quadro ao lado: é fascinante.” (p. 13).

O quadro dos pais, ditos pecadores, devido ao sexo, está ao lado de um quadro que a mesma julga como “fascinante”. No decorrer do conto, constata-se que o quadro que se encontra ao lado do quadro dos seus pais, é o quadro da Virgem Maria. Sendo assim, é confirmado, aparentemente, o desejo lascivo que Fátima tem com a mão.

A mãe de Fátima esperava que a mesma estivesse predestinada ao destino de freira, talvez, devido a isto, lhe dera um nome de Santa; Nossa Senhora de Fátima. Assim, ambos os nomes presentes na narrativa, de mulheres santas (a Virgem Maria e Nossa Senhora de Fátima), estariam associadas ao ato de profanação.

Em “[...] a Virgem Maria e sua mão quente e macia. Há quanto tempo isso? Desde o quadro?” (p. 15), notamos a presença, novamente, da confirmação do desejo que

Fátima sente pela Virgem Maria. Seus pensamentos libidinosos aconteceram, inicialmente, com o quadro que a mesma vira. E logo então, começaram os atos; a mão que lhe invadia o quarto; despertava-lhe desejos e vontades, percorrendo o seu corpo. A espera pela mão torna-se um momento de júbilo; espera para sentir-se e senti-la.

O momento final do conto é a presença de uma personagem aparentemente nova na trama. No entanto, Maria, a nova ajudante da mãe de Fátima, e filha de Rita – que trabalha na igreja – é na verdade, a personificação da imagem do quadro da Virgem Maria. A primeira vez que a olha, fica petrificada, surpresa pela “imagem e semelhança” da Virgem; “É tão fantástico o que vejo que não sei o que vejo: a mão e o corpo da mão e o rosto da mão e o vestido azul da mão e o longo cabelo preto da mão. Paraliso-me: aquela mão lavando a louça na minha casa.” (p. 16).

Ao se referir à Maria como “Ela”, volta-se a pensar na condição da mesma. Trata-se de uma santa, superioridade, e devido a isso, é referida com pronomes, nomes, em maiúsculas.

Uma nova afirmação da relação e desejo entre ambas é, inicialmente, apresentada em “Estou seminua e os olhos dela me passeiam” (p. 16). Maria demonstra



interesse por Fátima, demonstrando pelo olhar a percorrer o corpo seminu da moça.

O quadro da Virgem, que até então permanecia ao lado do quadro dos pais de Fátima, “hoje ele amanheceu espatifado no chão, nem a gravura deu para aproveitar. Mas era a cara de Maria.” (p. 16-17). O quadro quebra com a aparição da moça chamada Maria, reforçando a ideia de esta é a personificação da imagem da Virgem Maria.

Sendo assim, o conto termina com o regozijo de Fátima; a mão, agora, tem uma forma. “A mão agora tinha um rosto, um corpo, um coração, um sexo. Eu estava predestinada ao sagrado.” (p. 17). Estava predestinada ao sagrado porque estava nos braços da virgem, e embora estivessem cometendo um pecado – o ato sexual – visto pelo lado religioso como pecado, Fátima estava nos braços de uma Virgem, Virgem essa que também desejava-a.

CONCLUSÃO

No conto “Dá-me tua mão, ó Virgem” percebe-se o quanto a mulher é um ser de desejos e personalidade, desmistificando a tão aclamada pudicidade e castidade que a tradição a mascarou.

Por meio de um movimento análogo a autores e autoras como Adélia Prado e Hilda Hilst, que unem o sagrado e o profano em seus textos, ao apresentar as personagens com

capacidade de terem desejos ou relações sexuais com santidades religiosas, Janaína faz com que se reflita sobre os tabus que vem prendendo ao longo do tempo a personagem feminina.

O corpo da mulher visto como um santuário, e a exigência de virgindade e ausência de desejo sexual, é desconfigurado por meio da narrativa e ver-se emergir uma mulher plena de gozo e libido, assim, ocorre o deslocamento da identidade feminina, de mulher tradicional, e passa-se a ver a mulher como um ser que vive intensamente e possui suas inquietações e delírios como qualquer pessoa normal.

O fato de A virgem Maria ser o objeto de desejo de Fátima, também é mais um fator de desconstrução do estereótipo feminino, decorrente do domínio patriarcal, uma vez que se mostra não só que uma mulher é capaz de desejar a outra, como também que a própria origem da ideia de pureza feminina, simbolizada por Maria, é simples criação masculina e prisão das manifestações da subjetividade feminina.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Janaína. Dá-me tua mão, ó Virgem. In: **Marias**. João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 1999, p. 12-17.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AZEVEDO, Maria da Glória de Castro. Literatura Lesbiana: O Gênero Demarca o Lugar de Exclusão. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. (org.) **Identidade de gênero e Práticas Discursivas**. Campina Grande, PB: EDUEP, 2008, p. 173 – 178.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

FOCAULT, Michel **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

